

"Há ou não um ato sexual?"¹

Patrícia Badari

Um, dois, três..., uma série de homens, uma série de encontros sexuais é o que ouvimos mais e mais das mulheres, hoje. Será este um modo das mulheres na "época do mais"², das adições, dos imperativos de satisfação, terem um corpo? Neste mais, mais e mais algo se adiciona ou se trata do retorno e da reiteração do mesmo? Terem mais e mais homens e encontros sexuais pode ser um modo paradoxal de se virarem com a exigência pulsional, com o gozo? O que aí visam e encontram? Uma inscrição, o gozo fálico? A devastação, a satisfação pulsional mortífera? O amor?

Um gozo que não é o gozo do órgão. Um gozo que não é o gozo do objeto. Um gozo que, diferente do gozo masculino, não tem um limite delineado. Há um gozo que está além do ato sexual. Eis o impasse para todo sujeito e, sobretudo, para uma mulher: o gozo feminino.

Muitas vezes, as mulheres buscam localizar algo do gozo nos inúmeros encontros sexuais. Para tentar aí, no ato sexual, definir uma identidade; para simbolizar algo da sexualidade feminina. Algumas mulheres encontram no ato sexual algo com o que se identificar e, muitas vezes, uma identidade em uma relação imaginária com a anatomia: encontram um pênis e uma vagina. Mas nada encontram para simbolizar a sexualidade feminina, e muitas vezes, precisam de mais e mais sexo, mais e mais encontros, na cama.

A sexuação, termo utilizado por Lacan para diferenciar o sexo, estes encontros na cama, da posição sexuada, é algo que vai mais além da anatomia e da questão de gênero. Se os significantes não definem o sentido sexual, se eles não

definem a sexuação, tampouco o imaginário a definiria. E quando um gozo caótico surge, ele pode perturbar qualquer identificação e desfazer o laço entre a imagem e o organismo.

A presença ou ausência do pênis pode sustentar as identificações e contar para cada sujeito na eleição do sexo. Mas não basta. No encontro com o buraco da significação há um texto, um saber sobre o gozo a ser produzido, e não somente um distúrbio a ser reparado pelo discurso do mestre, como podemos ver, por exemplo, no filme XXY de Lúcia Puenzo³.

Outras mulheres podem encontrar no ato sexual uma inscrição fálica e articular algo da pulsão e da castração. E, deste modo, algumas delas podem se prestar ao jogo de sedução. Mas, ao se verem tomadas como objeto, pode reaparecer o impasse. Como conviver com este lugar, como objeto causa de desejo de um homem? Como não tornar-se aquilo de que se goza? Como não ser reduzida ao valor de uso? E assim, muitas vezes, amar e ser amada por um homem pode se tornar infernal para uma mulher.

A posição de objeto, muitas vezes, é tomada como uma degradação, uma ameaça de castração. E ouvimos inúmeras queixas: "os homens me usam e me descartam...". Algumas destas mulheres ficam identificadas a este lugar de objeto de gozo e se tornam verdadeiros dejetos para alguns homens. Outras supõem que há algo que transcende este lugar, que há um gozo mais além das identificações, mais além do falo e do ato sexual, e podem encarnar o objeto a para um homem - o que não é o mesmo que ser o falo de um homem.

Se os sujeitos, homens ou mulheres, podem repetir no ato sexual suas parcerias parentais. Se neste ato repetitivo visam apagar qualquer resto, inclusive apagar que eles próprios são o resto de um ato sexual - o traumatismo primário para todo sujeito. Se neste ato podem encontrar o objeto fálico; se aí podem estabelecer uma parceria com o

objeto da fantasia, é também, nesse ato repetitivo, nesse caminho próprio de seu gozo singular, onde podem encontrar algo de inédito e quiçá articular algo do gozo e do desejo ou enlaçá-los de outro modo. A Dama branca no conto de Marçal Aquino "Sete epitáfios para uma dama branca"⁴ não pôde.

A pura e cândida Dama branca - uma mulher insatisfeita com o marido e com os amantes que teve - ao encontrar mais um homem, mais um amante, tenta separar sexo e amor; tenta com o mais novo amante estabelecer o seguinte acordo: encontros frequentes e regulares nos hotéis da cidade para obter apenas satisfação sexual. Parecia-lhe um belo lugar para se alojar e identificar-se. A solução perfeita - poder circular entre ser a Dama branca e amante. Mas o desejo sempre está além ou aquém daquilo que o sujeito diz querer: meros encontros para sexo. E é quando o automatismo de repetição claudica que a surpresa pode emergir e atrapalhar, perturbar e apagar as condições prévias desses encontros. Esta Dama branca apela para o horror e será no corpo que localizará este acontecimento, sua saída.

No entanto, sabemos que muitas mulheres dizem não, inclusive, a este engodo e assumem uma posição masculina, tornam-se verdadeiros homens, creem demais no gozo fálico e colecionam homens, transas, objetos de diversão... Assim, se satisfazem e, ao seu modo, topam o engodo do ato sexual: usar e descartar estes objetos que são ofertados pelo mercado - homens feitos para serem consumidos. Pois, "se você tem mais de 40 anos e não é burra como uma modelo, só irá atrair homens fracassados ou maridos traídos. [...] Logo, eu sempre soube que mais velha pagaria para que homens me amassem"⁵. Esta é uma solução para Helen, uma das personagens do filme *Em direção ao Sul*. Uma saída para negar a castração, o que não é sem angústia para esta a quem nada falta.

Outras nem topam mais isso e "consomem", somente,

objetos industrializados oferecidos em *sexy shop* e em prateleiras virtuais. Optam pelo gozo solitário, sem um laço com o outro e o Outro.

Neste ato repetitivo, nestes malabarismos sexuais contemporâneos, nestes simulacros, podemos localizar as invenções, estratégias e lógicas singulares de cada sujeito, de cada mulher para se virar com a pulsão e sua exigência, com o excesso de gozo que pode ir ao sem limite.

E para podermos dizer se há um ato sexual nestes encontros na cama, é preciso que haja em algum momento, em algum lugar aí alguma relação com a castração, alguma extração de gozo para o sujeito. Só poderemos dizer que há um ato sexual ali onde o ato falha em atingir o ponto infinito do gozo.

Deste ato - ato sexual, na cama - se trata menos de esperar um verdadeiro ato: que surja uma nova mulher, no futuro, na pós-contemporaneidade, etc. Em 2001 não houve e em 2100 não haverá. Esta é uma preciosa e delicada questão clínica para a psicanálise. Como operar sem colocar novas ordens, sem entrar em um saudosismo dos interditos edipianos, sem apelar à renúncia pulsional, sem instalar um novo supereu ou apregoar novos ideais?

Os manejos possíveis serão dados pelas coordenadas de cada caso, de cada sujeito. Cada um dirá como aceitou ou rechaçou o próprio sexo; como se virou ou ainda se vira com o sexo do Outro, com a castração, com outra posição no desejo, com o gozo que não é do Um. Ou seja, cada sujeito é quem dirá como vive, em sua singularidade, sua desordem da sexualidade. Uma sexualidade à qual é inerente o mau funcionamento. Logo, cabe a cada um destes sujeitos passar a se virar melhor com ela, caso queira e possa. Encontros na cama não são equivalentes ao encontro com a sexualidade.

Ao fazermos o "comentário da experiência"⁶, talvez possamos dizer que se trata mais, para cada sujeito, "do que podemos chamar de arranjos. É preciso que a coisa se

arranje de outro modo para que a quantidade de desprazer causada pelo sintoma diminua, deixando o sujeito mais confortável com ele”⁷.

¹ Texto apresentado na Plenária das Jornadas da EBP-SP, 2012. Título em referência a LACAN J. (2010) “A lógica da fantasia”, Seminário 14 (inédito). Trechos do Seminário. *Opção Lacaniana*, n.58. EBP, p. 20.

² LAURENT É. (2010) Entrevista realizada em 4 de dezembro de 2010, postada em: www.youtube.com.br.

³ PUENZO L. (2007) *XXY*. Em: DVD Imovision, 2007.

⁴ AQUINO M. (1999) “Sete epitáfios para uma dama branca”. *O amor e outros objetos pontiagudos*. Editorial, São Paulo, 1999.

⁵ CANTET L. (2005) *Em direção ao Sul*. Em: DVD. Imovision. 2005. N.A.: Fala da personagem Helen. Este filme, entre outras questões, pode nos servir para abordarmos a questão da sexualidade a partir da história de três mulheres em férias no Haiti.

⁶ MILLER J.-A. (2011) “Décima primeira lição”. *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2011, p.147.

⁷ MILLER J.-A. (2011) *op. cit*, p.157.

LACAN J. (2010) “A lógica da fantasia”, Seminário 14 (inédito). Trechos do Seminário. *Opção Lacaniana*, n.58. EBP.

BROUSSE M.-H. “Cuerpos lacanianos - Novedades contemporâneas sobre el estúdio del espejo”. www.youtube.com.